



HABITAÇÃO. Início da primeira fase do projeto garante que o Governo Federal continue enviando recursos, independentemente da eleição

Construção de casa com verba do PAC começa a sair do papel

DA REDAÇÃO

As primeiras 38 moradias financiadas com dinheiro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal, começam a sair do papel em Guarujá. Trata-se da primeira fase de um conjunto de melhorias que inclui, no total, mais de quatro mil habitações, entre novas e consolidadas. O mais importante é que, com o início do trabalho, não há mais risco de paralisar as etapas seguintes do Projeto Favela-Porto-Cidade por conta do período eleitoral.

Mesmo se tratando apenas da primeira fase das obras do PAC, como o fluxo de investimentos já foi iniciado, mesmo durante o período eleitoral o Governo Federal poderá manter as remessas de dinheiro, de acordo com a demanda. Nesta semana, moradores que ocuparão as novas residências e agentes da Prefeitura estiveram no local onde ficarão as casas para acompanhar as primeiras medições topográficas.

No total serão investidos mais de R\$ 100 milhões na erradicação de palafitas em dois dos bairros mais carentes de Vicente de Carvalho: Prainha e Sítio Conceiçãozinha, que passou a se chamar Porto de acordo com o Plano Diretor de 2006. Somente do Governo Federal virão R\$ 89 milhões 400 mil, com contrapartida de R\$ 13 milhões do próprio Município.

Para esta primeira etapa, de acordo com o secretário municipal de Planejamento e Gestão Financeira, Mauro Scazufca, já estão à disposição da Prefeitura R\$ 1 milhão e 300 mil. A vencedora da licitação foi a AN Engenharia, que vai erguer

Número

100

milhões

de reais serão investidos para erradicar duas favelas

38 casas com três andares e 45 metros quadrados de área útil cada. Elas ficarão num terreno cedido pela Codesp, próximo a uma estação de energia da estatal, no final da Rua Guilher-

nizadas. No tocante às novas casas, além das 38 habitações, outras 150 serão erguidas em terrenos dentro do próprio bairro.

O restante vai para o Parque da Montanha, bairro que surgirá para absorver a demanda. O Parque da Montanha ficará no final da comunidade da Vila Edna, no Bairro Vila Zilda, e será totalmente planejado, com creches, escolas, postos de saúde e centros comerciais.

De acordo com o secretário de Planejamento e Gestão Financeira, o Favela-Porto-Cidade é a maior obra habitacional já realizada na Baixada Santista. "É também o maior recurso repassado a Guarujá até hoje", estimou. "Não tenho informação de outro município da Baixada Santista que já tenha iniciado as obras com dinheiro do PAC, até o momento", observou Scazufca.

SÍTIO CONCEIÇÃOZINHA

Os moradores do Sítio Conceiçãozinha, num segundo momento, também serão beneficiados com as obras do PAC. Lá, 900 moradias serão removidas e as famílias ganharão casa própria. Restarão, ainda, mais mil famílias, que deverão ser indenizadas pela Codesp quando for aberta a concorrência para expansão do Porto de Santos.

O edital de licitação para o restante das obras do PAC, tanto em Prainha quanto em Conceiçãozinha, já foi publicado no Diário Oficial do Município de 25 de abril último. A empresa vencedora deverá ser conhecida daqui a dois meses.

me Guinle, esquina com a Santo Amaro, no Paicará. O local será dotado de redes de água, luz e esgoto.

Inicialmente, apenas moradores da Prainha serão removidos. O prazo de entrega das residências é de um ano. "É o período da vigência do contrato com a construtora", revelou Scazufca.

NOVO BAIRRO

Ao todo, 1.500 moradores de Prainha serão removidos para novas casas. Outras 1.600 serão regularizadas do ponto de vista fundiário (possuem condições ambientais para isso). Duzentas famílias serão inde-



■ PORTO Sintraport acampa em frente ao TGG

O Sindicato dos Operários Portuários armou uma barraca de praia de seis metros, defronte ao Terminal de Graneis de Guarujá (TGG), às 15 horas de ontem e ficará acampado no local até as 11 horas de hoje, com faixas e aparelho de som.

O presidente do Sintraport, Robson de Lima Apolinário, diz que o terminal desrespeita sentença de primeira instância da Justiça do Trabalho e utiliza trabalhadores desvinculados do Ogmo, desde terça-feira, em suas operações.

“É um protesto pacífico”, diz o sindicalista, “em defesa não só do mercado de trabalho legal, mas também das instituições da Justiça do Trabalho e da Secretaria Regional do Trabalho e Emprego”, afirma.

Apolinário diz que o protesto subsidiará plenária nacional das federações de portuários avulsos, em Brasília, na próxima quarta-feira, quando o Sintraport proporá paralisação das atividades, em todos os portos onde ocorram desrespeitos ao mercado de trabalho da categoria.

Segundo ele, a sentença judicial relativa ao TGG estabelece multa de R\$ 10 mil por trabalhador alheio ao Ogmo, utilizado a cada período pela empresa.



MEDO. Assaltos assustam lojistas

Vender vira operação de guerra no Distrito

TADEU FERREIRA JR.
DA REDAÇÃO

O som alto da guerra de promoções entre as lojas, bicicletas zanzando por todas as direções, os aromas da diversidade gastronômica. Tudo isso é peculiar nas principais ruas do comércio de Vicente de Carvalho. Ultimamente, a este cenário se juntam outros componentes: medo, insegurança e sentimento de total desgoverno, que levam comerciantes e comerciários a sentirem receio de iniciar um dia de trabalho, simplesmente por não terem a certeza de como ele irá acabar.

Para tentar se proteger, algumas lojas resolveram adotar suas próprias medidas para se defender da onda de violência. E isso também contribuiu para a mudança do cenário do comércio local. Vigilantes, na verdade ho-

mens à paisana capazes de se misturar aos clientes, passam o dia de plantão na porta de algumas lojas. Desarmados (ao menos a maioria), eles têm mais a missão de intimidar, e não de reagir a uma investida marginal.

Para executar o trabalho, eles ganham de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 por mês. "É o que me salvou desde que fiquei desempregado, há quase dois

anos", confessou um deles, que quis se identificar apenas como Zé. "Já fui rendido num assalto, estavam em dois. Nestes casos não dá para fazer muita coisa", disse.

O "segurança" não é o único que preferiu manter a identidade no anonimato. Como ele, todos os comerciantes entrevistados condi-

cionaram seus depoimentos ao anonimato. É o medo impondo suas regras.

TORRES

É difícil andar mais que alguns metros pela Avenida Thiago Ferreira sem se deparar com a mais nova invenção dos comerciantes para se proteger da criminalidade. Pequenas tor-

res, tubos de PVC recheados de concreto, fixados na posição vertical embaixo das soleiras de portas de aço. Tudo para evitar a mais nova modalidade de arrombamento noturno praticada no bairro: carros, de preferência utilitários, que avançam sobre as portas das lojas derrubando tudo.

Mesmo protegidos por alar-

mes, os estabelecimentos não escapam desta modalidade de assalto. "Eram mais ou menos 23 horas quando o alarme tocou. Eu cheguei às 23h30 e a polícia já estava no local, mas deu tempo de levarem algumas bermudas", lamentou o gerente de uma loja de roupas numa travessa da Thiago Ferreira.



Mais da metade do comércio já foi vítima

■ ■ ■ Diante das cobranças dos filiados, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Guarujá e Vicente de Carvalho decidiu distribuir 172 formulários a comerciantes do Distrito, sendo que 64 já foram respondidos. Destes, 38 relataram já terem sido assaltados. Quase a metade (26) foi roubado mais de uma vez.

O levantamento ainda concluiu que apenas 17, quase 25% dos entrevistados, registraram Boletim de Ocorrência (B.O). Todos estes reclamaram da burocracia, o que também é facilmente detectado nas conversas com os comerciantes: "É difícil para a CDL argumentar na medida em que eles trabalham com estatísticas e os lojistas não fazem B.O. Isso prejudica muito", destacou o presidente da entidade de classe, Vagner Lino de Freitas.

Ele confirmou que os casos de arrombamentos, especialmente com a ajuda de veículos utilitários, é verdadeira coqueluche em Vicente de Carvalho. "Especialmente nos primeiros meses do ano, entre janeiro e fevereiro. É uma ação complicada, porque é rápida e causa enorme prejuízo", reconheceu. Como representante da categoria, ele reivindicou uma delegacia maior e mais próxima do comércio da Thiago Ferreira (a mais perto fica na Avenida Santos Dumont). "Precisa ter equipamentos e efetivo também, porque a atual é acanhada e precária", disse.

PM

Comandante da 2ª Companhia do 21º Batalhão da Polícia Militar do Interior (BPMI), o capitão Afonso Luiz Sanches Rocha alegou que promove diversas operações em Vicente de Carvalho, especialmente nos arredores do comércio da Thiago Ferreira, mas ressaltou que, sem Boletim de Ocorrência, fica difícil para a PM se or-

Frase

"As pessoas também têm de cuidar de sua segurança primária, dispor de alarmes, câmeras"

Afonso Luiz Sanches Rocha, comandante da 2ª Companhia do 21º Batalhão da Polícia Militar do Interior (BPMI)

ganizar. "Realmente as pessoas reclamam da demora nas delegacias, que são administradas pela Polícia Civil. Porém, o B.O é a única ferramenta para melhorar o policiamento", justificou.

O comandante ressaltou que o registro da ocorrência pode ser feito com a própria Polícia Militar, que vai ao local do incidente. "O registro da PM serve para fins estatísticos e pode ser mais rápido. O da Polícia Civil só pode ser feito na delegacia", alertou.

Ele garantiu que mantém na região comercial de Vicente de Carvalho, diariamente, duas viaturas, motocicletas e a cavalaria, além das bicicletas, inclusive em rondas noturnas. "As pessoas também têm de cuidar de sua segurança primária, dispor de alarmes, câmeras", recomendou. A Prefeitura de Guarujá dispõe de quatro câmeras de monitoramento no Distrito.

Rocha não soube precisar estatísticas de ocorrências e não quis revelar o número de homens de que dispõe em sua companhia. "A bandagem hoje em dia não é boba. Eles também lêem jornal e isso é uma questão estratégica", justificou.



Gasto com segurança supera o aluguel

■ ■ ■ “A cada semana tem uma novidade aqui na vizinhança. À noite é mais precário ainda”, declarou o gerente da mesma loja de roupas. Há três anos no mesmo ponto, ele foi abordado logo na primeira semana após a inauguração. A última investida foi há duas semanas, com o arrombamento da porta principal por um Fiat Fiorino. “O carro era roubado e ninguém foi preso. Ainda cheguei a ver minhas roupas sendo vendidas pelas esquinas dias depois”, comentou.

A mesma loja foi vítima de marginais seis vezes, sendo quatro arrombamentos e dois assaltos à mão armada. O prejuízo estimado até hoje é de R\$ 10 mil, entre mercadorias e concertos na porta, que foi reforçada e ganhou a proteção de pilares de concreto.

Por mês, o gerente calcula gastos de R\$ 1 mil com a mensalidade de uma empresa de monitoramento de alarme à distância mais o salário de um vigilante durante o dia. “Alugo duas lojas por R\$ 800,00, ou seja, gasto mais com segurança”, comparou ele, que administra um estabelecimento gerador de cinco empregos diretos.

A experiência de assalto logo após a inauguração não é exclusividade desta loja de roupas. Uma outra, próxima à estação das barcas, no início da Avenida Thiago Ferreira, foi arrombada por um grupo de dez vândalos três dias depois de abrir pela primeira vez, no início de abril. De nada adiantaram as pilastras de concreto. “Eles chutaram a porta até quebrar. Não levaram muito porque a polícia chegou logo. Mas perdi várias peças sujas de graxa, que eles tentaram levar”, disse a comerciante, estimando as perdas em R\$ 1.500,00. “Venderam tudo a R\$ 10,00 cada, dias depois”.

O temor obrigou a lojista a investir em segurança: um vi-

gilante, sistema de alarme monitorado e quatro câmeras de segurança. “Não estava preparada para este gasto agora, mas se não fizer vai ser pior”, previu.

Dono de uma loja de equipamentos eletrônicos com mais de 40 anos no mercado, um lojista da Thiago Ferreira se despediu há dois meses de um vizinho, que fechou as portas depois de seguidos prejuízos. “Não aguentou o baque e foi para um shopping”, comentou. Ele mesmo já foi vítima oito vezes nos últimos dois anos. Na última delas, funcionários ficaram sob a mira de um revólver, que depois descobriu-se ser de brinquedo.

Eram menores, de 11 anos, segundo ele, capturados por dois de seus oito funcionários e levados à polícia. “Vivem rondando o comércio. São presos, vão para o Conselho Tutelar e voltam para a rua dias depois. Não adianta nada”, reclamou ele, que já instalou duas portas de aço mais cerca elétrica e paga dois homens para vigiar a loja de dia e à noite.

PLANEJAMENTO

Já não são só aluguel, estoque e encargos trabalhistas que entram no planejamento dos comerciantes que pretendem se instalar em Vicente de Carvalho. Edilson (nome fictício) se prepara para abrir uma loja de equipamentos de informática. Calcula que vai precisar de R\$ 2,5 mil a R\$ 3 mil por mês para pagar aluguel e dois seguranças. “Meu maior medo é assalto à mão armada, porque uma desgraça pode acontecer de uma hora para a outra”, disse.

Edilson teme não conseguir se recuperar financeiramente caso venha a ser assaltado. “Trabalho com equipamentos caros e estou investindo muito aqui. Se algo der errado, pode ser fatal para mim”, afirmou ele, que vai gerar quatro empregos.



Avenida Thiago Ferreira começa a se adaptar à falta de segurança

Destaques

>> Participação

Mais da metade das empresas de Guarujá está em Vicente de Carvalho: são 11.650, sendo que 6.200 funcionam no Distrito

>> Tributo

10% do arrecadado com o IPTU na Cidade vêm de Vicente de Carvalho: R\$ 23 milhões, de um total de R\$ 235 milhões

>> Economia

Mais da metade do Imposto Sobre Serviços (ISS) de Guarujá é arrecadado em Vicente de Carvalho. Ao todo são R\$ 50 milhões, R\$ 32 milhões provêm do Distrito

>> Mão-de-obra

Dos 145 mil trabalhadores que formam a população economicamente ativa de Guarujá, cerca de 80 mil se concentram em Vicente de Carvalho
Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico